



AFONSO CRUZ
OS LIVROS QUE
DEVORARAM
O MEU PAI

*A estranha
e mágica história
de Vivaldo Bonfim*

 *fábula*

ÍNDICE

CAPÍTULO 1	LIVROS E MAIS LIVROS!	11
CAPÍTULO 2	ESCADAS E ESCADARIAS	13
CAPÍTULO 3	POR VEZES A VOZ DELA FICA UM POUCO AMARROTADA	15
CAPÍTULO 4	ESTAVA TUDO CHEIO DE LETRAS	19
CAPÍTULO 5	FUI LENDO LIVRO ATRÁS DE LIVRO	21
CAPÍTULO 6	DO QUE REALMENTE SOMOS FEITOS	25
CAPÍTULO 7	FINALMENTE, LI-O	27
CAPÍTULO 8	DENTRO DO LIVRO	29
CAPÍTULO 9	CHAMO-ME ELIAS BONFIM, SOU UMA PESSOA DETERMINADA	33
CAPÍTULO 10	ANDAVA COM CITAÇÕES DEBAIXO DO BRAÇO	39
CAPÍTULO 11	OS MEUS PENSAMENTOS NÃO FORAM	43
CAPÍTULO 12	QUEM É QUE NÃO GOSTA DELA?	49
CAPÍTULO 13	UM CHÁ COM O SENHOR STEVENSON	51
CAPÍTULO 14	O PESO DAS PESSOAS	53
CAPÍTULO 15	UM HOMEM A MEIO CAMINHO DUMA FERA	57

CAPÍTULO 16	SERIA MELHOR ESPERAR POR OUTRA ALTURA	61
CAPÍTULO 17	UMA BENGALADA NA CLAVÍCULA	67
CAPÍTULO 18	O MEU DESEMPENHO É INQUESTIONÁVEL	73
CAPÍTULO 19	ATRAVESSOU-ME COMO SE EU FOSSE UMA PORTA GIRATÓRIA	79
CAPÍTULO 20	VLADIVOSTOK	83
CAPÍTULO 21	O BARÃO TREPADOR	91
CAPÍTULO 22	UM PORMENOR	93
CAPÍTULO 23	A TEMPERATURA A QUE ARDE O PAPEL	95
CAPÍTULO 24	NÃO ME CONSEGUIA MEXER COM TANTOS SOLUÇOS À MINHA VOLTA	99
CAPÍTULO 25	A BORBOLETA	109
CAPÍTULO 26	AS PESSOAS TORNAM-SE LIVROS	113
CAPÍTULO 27	PASTÉIS DE NATA	119
EPÍLOGO		123

Para os meus filhos

CAPÍTULO 1

LIVROS E MAIS LIVROS!



— **Vivaldo! Vivaldo! Vivaldo!**

Vivaldo! — gritava o chefe da repartição, mas ele ouvia aquela voz lá muito ao fundo, a desaparecer numa esquina.

Foi assim que a minha avó me começou a contar a história de Vivaldo Bonfim, o meu pai. Ele trabalhava no 7.º Bairro Fiscal e achava-se num mundo entediante, chato, plano, aborrecido, cheio de papéis, papeladas e outras burocracias que se fazem com a madeira das árvores. Era um mundo desprovido de literatura. A minha mãe estava grávida de mim, eu nadava no

seu útero, dava voltas como a roupa na máquina de lavar, nessa altura fatídica. O meu pai só pensava em livros (livros e mais livros!), mas a vida não era da mesma opinião, a vida dele pensava noutras coisas, andava distraída, e ele teve de se empregar. A vida, muitas vezes, não tem consideração nenhuma por aquilo de que gostamos. Contudo, o meu pai levava livros (livros e mais livros!) para a repartição de finanças e lia às escondidas sempre que podia. Não é uma atitude que se aconselhe, mas era mais forte do que ele. O meu pai amava a literatura acima de tudo. Punha sempre um livro debaixo de modelos B, impressos de alteração de atividade e outros papéis de nomes ilustres, e lia discretamente, fingindo trabalhar. Não era uma atitude muito bonita, mas o meu pai só pensava nos livros. Foi isto que a minha avó me contou com os seus pensamentos cheios de rugas na testa.

Nunca conheci o meu pai. Quando nasci já ele não andava aqui neste mundo.

CAPÍTULO 2

ESCADAS E ESCADARIAS



O que significa um eufemismo? É quando queremos dizer coisas que podem magoar e, para o evitar, usamos umas palavras menos bicudas. Por exemplo, eu poderia dizer que o meu pai já não anda neste mundo em vez de dizer que morreu dum enfarte. Parece um eufemismo: «não anda neste mundo» em vez de «morreu», mas não é. É a verdade objetiva como haverão de perceber. Sem qualquer figura de estilo.

Uma tarde, uma tarde como tantas outras, o meu pai estava a ler um livro que mantinha debaixo dum impresso de IRS para que o chefe não reparasse que ele não estava a trabalhar. E foi nessa tarde que ele,

de tão embrenhado, tão concentrado na leitura, entrou livro adentro. Perdeu-se na leitura. Quando o chefe da repartição chegou à secretária do meu pai, ele já lá não estava. Havia, em cima da mesa, uns impressos do IRS e um exemplar de *A Ilha do Dr. Moreau* aberto nas últimas páginas. O Júlio (era assim que se chamava o chefe do meu pai) chamou por ele: «Vivaldo! Vivaldo!», mas o meu pai nada. Estava enfiado no meio da literatura, estava a viver aquele romance.

A minha avó diz que isto pode acontecer quando verdadeiramente nos concentramos no que lemos. Podemos entrar livro adentro como aconteceu com o meu pai. É um processo tão simples quanto debruçarmos-nos numa varanda, só que muito menos perigoso, apesar de ser uma queda de vários andares. Sim, porque a leitura das coisas pode ter muitos andares. Soube pela minha avó que um tal Orígenes, por exemplo, dizia haver uma primeira leitura, superficial, e outras mais profundas, alegóricas. Não me vou alongar por este tema, basta saber que um bom livro deve ter mais do que uma pele, deve ser um prédio de vários andares. O rés-do-chão não serve à literatura. Está muito bem para a construção civil, é cómodo para quem não gosta de subir escadas, útil para quem não pode subir escadas, mas para a literatura há que haver andares empilhados uns em cima dos outros. Escadas e escadarias, letras abaixo, letras acima.

CAPÍTULO 3

POR VEZES A VOZ DELA FICA UM POUCO AMARROTADA



Fiz 12 anos ontem e é por isso que toda esta aventura começou. A festa foi normal, como tantas outras que já tive. Veio a família toda: primos, tios, tias e alguns amigos e vizinhos. Houve um bolo e cantou-se os parabéns. Tudo normal. As velas arderam a sua cera para cima do bolo, as pessoas desafinaram a música dos parabéns na minha direção, bateram palmas, riram de contentes. Eu projetei um sopro com 12 anos para cima das velas e elas apagaram-se com o peso do ar. O bolo foi fatiado sem misericórdia. E quando finalmente entardeceu — e toda a gente se foi embora —,

a minha avó disse-me, com os seus olhos esquecidos, para passar por casa dela no dia seguinte. Nesse dia tive presentes de toda a gente, menos da minha avó. Estranhei porque isso nunca aconteceu. Os avós, mesmo quando a memória lhes falha, nunca se esquecem dos presentes.

E no dia seguinte lá fui, depois das aulas, ter com a minha avó. Ela disse-me para me sentar, fez um gesto com a mão engelhada em direção ao sofá de riscas. Sento-me sempre nessas riscas, sempre que a visito. Ela também se sentou com a sua lentidão e um vestido florido. Passou as mãos pelo cabelo, ajeitou a voz e os óculos. Por vezes a voz dela fica um pouco amarrotada, quando se senta, quando acaba de fazer um esforço. Explicou-me — enquanto eu mastigava um bolo — que eu já era um homenzinho e que começava a ter responsabilidades. Estava na altura de saber a verdade. As palavras dela vinham cheias de cabelos brancos, podia sentir que havia nelas muita vida vivida. Era uma conversa séria, por isso prestei muita atenção. Ela falou-me do meu pai e contou-me como ele, naquela tarde na repartição de finanças, entrou dentro dum livro e nunca mais soubemos dele (eu pensava, até então, que toda a tragédia de me ter tornado órfão de pai se devia a uma doença do coração. «Teve um enfarte», foi o que sempre ouvi dizer sobre o meu pai).

Ao que parece, o meu pai tinha previsto uma coisa destas, já imaginava que pudesse cair naquele abismo de letras, e fechou os seus livros no sótão da casa da minha avó. Durante 12 anos, a biblioteca do meu pai esteve à minha espera com aqueles livros todos sentados nas prateleiras. Entregou a chave do seu reduto literário à minha avó: «Dá-lha quando achares que ele pode ler o meu sótão de livros», disse o meu pai umas semanas antes de partir para esses mundos de letras.

A minha avó entregou-me a chave, com toda a solenidade. Naquele sótão encontraria todos os livros do meu pai, inclusivamente o livro *A Ilha do Dr. Moreau*, que foi o livro que ele usou para entrar no mundo da literatura. Muito nervoso, recebi aquele presente. Ia finalmente conhecer o meu pai, iria atrás dele, iria percorrer todas as palavras que ele percorreu, haveria de encontrá-lo por trás duma frase, entre personagens dum romance qualquer. Ou assim acreditava.

CAPÍTULO 4

ESTAVA TUDO CHEIO DE LETRAS



A um sinal da minha avó, subi as finas escadas que davam para o sótão e abri a porta. Tinha as mãos a tremer. Sabia que ali dentro, naquele sótão, estava tudo cheio de letras a fingirem-se de mortas, mas — sei muito bem — basta que passemos os olhos por elas para saltarem cheias de vida. Hesitante, entrei e abri a janela. O sótão cheirava a sótão fechado e estava tudo cheio de pó. A luz, quando entrou, encheu toda a biblioteca de pontinhos brancos. Era um pó que já estava a entrar na adolescência, um pó com 12 anos, a mesma idade que eu.

Todos os livros estavam impecavelmente arrumados nas suas prateleiras, parados a seguirem-me com

o seu olhar de lombada. Retribuí o olhar — semicerando os olhos — sem me deixar emboscar por nenhum daqueles títulos. Junto à janela estava o cadeirão onde o meu pai se sentava e em cima do estofado estava um livro. Senti a garganta seca e o coração a disparar. À minha frente estava o *A Ilha do Dr. Moreau*. Peguei nele como se fosse um objeto sagrado, sentei-me no cadeirão e preparei-me para o folhear. Conseguiria fazer como o meu pai e entrar no mundo dos livros?



Pelo seu 12º aniversário, Elias Bonfim recebe um presente que lhe vai mudar a vida: uma chave para aceder ao sótão onde se encontra a biblioteca do pai, Vivaldo Bonfim, que ele nunca conheceu. É que Vivaldo, um escriturário com um trabalho aborrecido, perdeu-se certo dia entre as páginas de um livro... E desapareceu sem aviso.

Elias parte numa aventura em busca de pistas sobre o que terá sucedido, viajando de livro em livro e conhecendo as mais variadas personagens da literatura. Será ele quem nos conta o que foi descobrindo sobre o pai e sobre si próprio ao longo deste caminho.

Este livro, um dos primeiros de Afonso Cruz, foi vencedor do Prémio Literário Maria Rosa Colaço (2009) e continua a conquistar novas gerações de leitores.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura juvenil

 penguinlivros.pt

  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN: 978-989-583-970-4



9 789895 839704